

PAZ. MLC. NUSLUBO

“Democracia sem educação não existe”

Esta é a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso na cerimônia de entrega do prêmio Educação para Qualidade do Trabalho, no Rio:

“Já o essencial foi dito sobre o significado deste nosso encontro e desta premiação. Efetivamente, o nosso objetivo, que não é de agora, é um objetivo, no meu caso, de desde que me entendo por gente. Participei das campanhas pela educação de base, nos anos 50, sempre foi o objetivo de nós termos um país onde não houvesse o analfabetismo, uma chaga a limitar as nossas potencialidades nacionais, e onde fosse possível dar a oportunidade de escolarização a todos os brasileiros.

Estamos, pouco a pouco, chegando lá. Os dados que o ministro Paulo Renato acaba de referir são alentadores. Ontem, Dia da Pátria, eu reuni, no Palácio da Alvorada, uma série de crianças que nós havíamos conseguido tirar do trabalho em situações penosas, nas carvoarias, nos canaviais, no sisal. Já retiramos 30 mil crianças, dando bolsas às famílias e graças ao empenho imenso, não só da Secretaria de Assistência Social do Ministério da Previdência, dra. Lucia Vania, mas do Ministério da Educação, de criar condições para que essas crianças viessem a ser atendidas, porque, muitas vezes, nas áreas onde essas explorações ocorrem não há escola suficiente. E foi um precioso trabalho extra do Ministério da Educação. Estamos fazendo.

Os dados relativos ao número de crianças hoje abrangidas pelo sistema escolar brasileiro também são alentadores. As crianças em idade escolar já participam com 91% delas no primeiro grau, o que é bastante significativo. Nos Estados Unidos são 95%. Na França, 95%. Na Coreia, 99%. Ontem, eu disse que havia um desafio. Claro que foi traduzido como uma promessa minha. Não há o que fazer. Não entendem que nós não fazemos promessas, se fazem desafios que pedem a sociedade que, juntos, em parceria, lutemos contra um problema que não é do presidente, não é do governo, é do País e que precisa ser encarado como um problema nacional. E o desafio é que nós tenhamos as condições para, até o final do ano que vem, termos todas as crianças, estatisticamente falando, nas escolas.

Por que é que eu digo estatisticamente falando e por que eu mencionei o dado americano e o dado da França? É porque há sempre uma margem menor que escapa. Mas nós vamos atingir aquela proporção de crianças que um país avançado socialmente, avançado economicamente já atingiu, como o caso dos países que eu mencionei aqui.

Não é uma promessa. Não cabe prometer isso. Cabe um esforço, que não é meu só, não. É de todos nós, do ministro, dos aqui presentes. E disse muito bem o governador Marcello Alencar: o significado deste nosso encontro aqui é que essas pessoas, os agradecidos e aqueles que promoveram as condições para que houvesse um avanço nas ins-

tituições públicas e privadas, nas empresas, nas fundações, aceitaram o desafio, que é um desafio nacional.

Eu gostaria que todos os brasileiros aceitassem esse desafio, não porque fosse visto como uma promessa do presidente ou do ministro da Educação, para, no fim, cobrar: “Fez? Não fez?” O que é que adianta? O que adianta é fazer, não se trata de uma questão política. É uma questão de condições de ser um país onde a igualdade existe, onde haja oportunidade para todos, e seja um país capaz de competir num mundo que se formou e é um mundo onde é necessário que haja capacitação, desenvolvimento tecnológico, para que possamos, efetivamente, competir e para que cuidemos, efetivamente, da questão social, não como retórica, porque, aí, é muito fácil, mas como mudança concreta das condições de vida das pessoas.

E a mudança principal é a educação. Que ninguém tenha dúvida sobre isso. Se nós quisermos um país com menos pobreza, se quisermos um país com menos desigualdade, se quisermos um país com menos pobreza, se quisermos um país com menos desigualdade, se nós quisermos um país com mais capacidade de se realizar como nação, a variável fundamental é a educação. Até porque saúde é muito importante, mas sem educação não se generaliza saúde.

Tudo o mais é muito importante, mas a variável vital, central, é a variável educacional. E eu vejo, com alegria, que o povo brasileiro está entendendo isso. E os setores mais responsáveis do povo brasileiro estão participando desse esforço. Outro dia, eu fui a um sindicato de metalúrgicos de São Paulo e lá havia cursos, não apenas os cursos do Sesi, que são muito importantes, e do Senai, que são muito importantes, mas cursos feitos com os recursos do FAT para retrainar a mão-de-obra.

Se nós não entendemos que no mundo de hoje vai ser necessária uma grande mobilidade ocupacional, e no mundo futuro mais ainda, e que, portanto, é necessário aumentar a base da formação, é uma formação mais ampla, mais humanística, se eu pudesse dizer assim, ao lado da capacidade específica de cada um de nós, não vamos entender as nossas chances de futuro. E muitos sindicatos estão entendendo. Estão utilizado os recursos disponíveis para o retraining de mão-de-obra. Eu vi cursos de computação dados a trabalhadores, alguns dos quais desempregados, que por esse mecanismo de retraining encontram uma oportunidade eventual para que possam, mais tarde, voltar ao mercado em melhores condições, com melhor renda.

Não quero cansá-los com dados, mas recentemente reuni, no Palácio da Alvorada, quatro ou cinco especialistas em matéria de distribuição de renda, de pobreza. Foram unânimes em mostrar, não é dizer, mostrar com muitos dados que a variável que, efetivamente, altera a renda, a distribuição da renda, e diminui a pobreza, é a educação. Não há dúvida quanto a isso. Se

nós quisermos, realmente, mudar o Brasil, temos que generalizar o ensino de base, o ensino primário. Quando nós fizermos isso, os níveis de ensino serão empurrados para cima também, porque haverá maior pressão da população para entrar nas escolas, e o curso secundário também, que terá que passar por uma transformação, e a universidade terá de se abrir para ser capaz de, com sua nova atitude, treinar mais gente, treinar gente com o pé no chão e com os olhos capazes de ver o futuro, porque não adianta nada ter formação boa para o dia-a-dia e não ter a capacidade de vislumbrar o dia de amanhã. Isso só se faz com uma formação que, ao mesmo tempo, implique uma melhoria tecnológica, um treinamento muito específico de cada um de nós, mas ao mesmo tempo uma formação mais ampla, que nos capacite a discernir, a escolher, a saber o que queremos, a ter novos valores que possam, então, embasar-nos e motivar-nos para uma vida melhor.

Isso, senhores e senhoras, em uma só palavra, é democracia. Democracia sem educação não existe. Crescimento econômico pode haver; desenvolvimento, não. Distribuição de renda não haverá sem educação; sem que haja uma generalização efetiva da educação nada vai avançar. Compraz-me ver que os brasileiros estão progredindo. E, muitas vezes, sem que ninguém tenha sequer dado incentivo. Quantas pessoas anônimas, pelo Brasil afora se matam para melhorar as suas condições educacionais! Quisera eu que as demais profissões tivessem a dedicação que tem os professores, sobretudo de escola primária neste Brasil afora. Quisera eu, e eu não quero mencionar quais profissões, mas o governador Marcello Alencar sabe muito bem a quais eu me refiro, tivessem com o nível de salário ainda tão baixo do professorado, esse mesmo espírito de dedicação; porque ele acredita no que está fazendo, porque tem um sentido de missão e isso não é escusa, evidentemente, para que não se melhora os níveis de pagamento, até porque o governo federal tomou medidas. O ministro Paulo Renato apontou agora aqui, que vão, efetivamente, melhorar as condições de vida das áreas mais pobres do Brasil, dos professores do ensino primário, que ganham miseravelmente, e que, a partir do ano que vem, ganharão um pouco melhor.

Não estou separando uma coisa da outra. Mas porque desvalorizaram o professor, e neste dia, que é o dia em que universalmente se fala no combate ao analfabetismo, a única maneira é valorizar o professor. E professor, no sentido amplo, não é só quem está em sala de aula, é quem tem uma atitude pedagógica. O empresário, ou os líderes sindicais, ou a Igreja, quando em uma atitude pedagógica fazem parte desse corpo imenso de gente que se preocupa, efetivamente, com essas formações concretas para que nós tenhamos um Brasil melhor. Agradeço a vocês, porque vocês fazem parte desse exército de gente dedicada, e nós vamos ter um Brasil melhor.”